

ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA “LUIZ DE QUEIROZ”  
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA  
LES0380 - AGRICULTURA FAMILIAR, DESENVOLVIMENTO RURAL E  
QUESTÕES AGRÁRIAS

Resumo da Introdução geral do livro “A agricultura familiar: comparação internacional” de Hugues Lamarche

Amália Visioni Caseto

com contribuições dos grupos e do professor

Em todos os países onde um mercado organiza as trocas, a produção agrícola é sempre assegurada, em algum grau, por explorações<sup>1</sup> com participação da família na produção. A diversidade de contextos se reflete na diversidade de situações: em alguns lugares a agricultura familiar é integrada à economia de mercado, bem desenvolvida e reconhecida, em outros permanece arcaica e de subsistência, além de ser descreditada e desestimulada.

O autor destaca o interesse em se estudar a agricultura familiar num momento de crise dos modelos de produção agrícola socialista e produtivista. Diante da heterogeneidade de formas da agricultura familiar, Lamarche propõe-se, de início, a delimitar seu objeto de estudo:

A exploração familiar, tal como a concebemos, corresponde a uma unidade de produção agrícola onde propriedade e trabalho estão intimamente ligados à família. A interdependência desses três fatores no funcionamento da exploração engendra necessariamente noções mais abstratas e complexas, tais como a transmissão do patrimônio e a reprodução da exploração (LAMARCHE, 1993, p. 15).

A agricultura familiar é uma noção ambígua, frequentemente sendo confundida com agricultura camponesa<sup>2</sup>. Segundo Tchayanov, o modelo camponês se define a partir de três princípios básicos: 1) inter-relação entre a organização da produção e as necessidades de consumo, 2) trabalho familiar, não podendo ser avaliado em termos de

---

<sup>1</sup> Conforme aponta Silva (1999), “O primeiro volume apresenta problemas de tradução do francês para o português, como usar o termo “exploradores” no lugar de “produtores”; “exploração” ao invés de “unidades de produção” ou “estabelecimento”; “terrenos” no lugar de “regiões” ou “áreas”; “paróquias” ao invés de “comunidades”; “país” no sentido de “região”, [...]”.

<sup>2</sup> A agricultura camponesa pode ser associada no Brasil com aquela de subsistência, como propõe Francisco (2018). Para este autor, esta última “se caracteriza pela utilização de métodos tradicionais de cultivo, realizados por famílias camponesas ou por comunidades rurais. Essa modalidade é desenvolvida, geralmente, em pequenas propriedades e a produção é bem inferior se comparada às áreas rurais mecanizadas. Contudo, o camponês estabelece relações de produção para garantir a subsistência da família e da comunidade a que pertence”.

lucro e 3) objetivo de produzir valores de uso e não de troca. Essas características englobam a agricultura camponesa, que é uma agricultura familiar.

No entanto, nem toda agricultura familiar é camponesa: há modelos distintos de agricultura familiar, com sistemas de valores e ambições diversas, como é o caso do modelo Colonial, fundado na produção mercantil e mão-de-obra exterior à família, da região de Zaghuan, Tunísia.

“Distintamente da maioria dos setores de produção, a agricultura faz apelo a grupos sociais limitados que têm em comum associar estreitamente família e produção, mas que se diferenciam uns dos outros por sua capacidade de se apropriar dos meios de produção e desenvolvê-los” (LAMARCHE, 1993, p. 18).

A agricultura familiar abrange, dessa forma, diferentes classes sociais segundo suas condições de produção (terras, mecanização, capital etc.), sendo bastante variável sua capacidade de adaptação e reprodução.

O elemento-chave do modelo de Lamarche consiste no grau de integração das formas de agricultura familiar com o mercado. Assim, o “modelo original”, situado no extremo inicial de sua escala, representa portanto muito pouca relação com o mercado, grande autarcia e forte ancoragem local. No caso do “modelo ideal”, sua localização se encontra no extremo oposto da total integração ao mercado, o que foi (e continua em grande medida) idealizado pela sociedade como projeto de modernização. Lamarche (1993) considera que os níveis de influência de cada um desses modelos sobre o funcionamento das explorações guiam as estratégias, lutas e alianças dos agricultores.

Atingir o “modelo ideal”, propõe o autor, dependerá da complementaridade entre o projeto do agricultor e aquele da sociedade, o que explicaria a coexistência de agricultores familiares estagnados com outros dominantes. A noção de bloqueio é pertinente aqui, correspondendo a uma situação que não permite ao agricultor colocar em prática estratégias visando atingir o modelo ideal. A noção de ruptura corresponde a um antagonismo profundo entre o modelo original e aquele idealizado pela sociedade englobante, como foi o caso para a agricultura camponesa nas sociedades industrializadas.

Neste ponto, quanto à sobrevivência de agricultores familiares, Lamarche sugere:

As explorações familiares que sempre se mantiveram em seus lugares são as que souberam – ou puderam – adaptar-se às exigências impostas por situações novas e diversas às instabilidades climáticas, à coletivização das terras ou à mutação sociocultural determinada pela economia de mercado (LAMARCHE, 1993, p.21).

Nas sociedades dominadas pela economia de mercado, Lamarche estima que, quanto mais próxima dos modelos extremos, a agricultura familiar terá menor capacidade de acomodação. As situações intermediárias forneceriam melhores meios para encontrar soluções de adaptação em momentos de crise.

Nos dias de hoje, uma forma de adaptação cada vez mais frequente é de integração a circuitos curtos agroalimentares. Trata-se de um modo de comercialização de produtos agroalimentares que se efetua por venda direta do produtor ao consumidor ou por venda indireta através de um único intermediário (MARECHAL, 2008).

Na Bélgica, por exemplo, os circuitos curtos agroalimentares são cada vez mais populares pois proporcionam muitos benefícios para o produtor, o consumidor e a sociedade como um todo. Os agricultores participando dos circuitos curtos geralmente desenvolvem práticas agrícolas favoráveis ao meio ambiente. A proximidade do produtor com o consumidor diminui os trajetos dos alimentos e permite garantir uma boa qualidade dos produtos. Ao mesmo tempo, os circuitos curtos representam maior valor agregado para os agricultores, oferecendo maior margem para estes últimos negociarem seus preços.

Enfim, Lamarche conclui que “a exploração familiar é ao mesmo tempo uma memória, uma situação, uma ambição e um desafio. Do valor atribuído a cada um desses elementos dependerão suas características, suas exigências e seu futuro”. (LAMARCHE, 1993, p.22)

### **Referências bibliográficas**

LAMARCHE, Hugues (coord.). Introdução geral. In: **A agricultura familiar: comparação internacional**. Vol. I: uma realidade multiforme. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 13-22.

FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. "Agricultura de Subsistência "; Brasil Escola. Disponível em <<https://brasilescola.uol.com.br/geografia/agricultura-subsistencia.htm>>. Acesso em 15 de março de 2018.

MARECHAL, Gilles (2008), **Les circuits courts alimentaires**, Dijon: Educagri édition.

SILVA, O. H. Agricultura familiar: diversidade e adaptabilidade. **Revista de Sociologia e Política**, n. 12, p. 161-7, 1999.